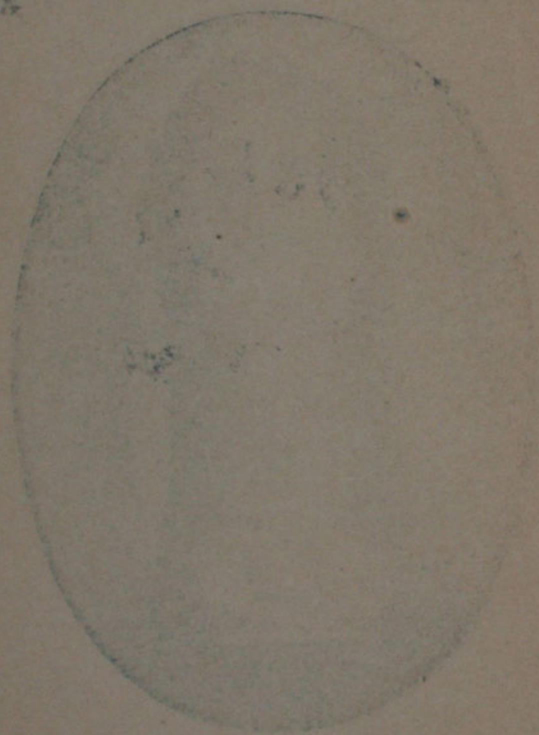
A Senhora da Melancolia



Avatares de um Ateu

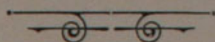
POR

Gomes Leal



A Senhora da Melancolia

Gomes Leal



A Senhora da Melancolia

Avatáres de um Atêu



Livraria Moderna
Editora
Rua Augusta, 95

Typographia
45, Rua Ivens, 47
Lisboa - 1910

Dedicatoria

A' Senhora Tenebrosa, Desgostosa e Silenciosa, á Inconsolavel Mãe das almas errantes e uivantes, Advogada das tristezas múdas e das lagrimas que correm baixinho, Protetora dos coraçoes viuvos e amaldiçoados, Tocha funeraria dos Tristes, Urna lacrimal dos Vencidos, Mãe da Saudade e das dôres irreparaveis, Capa dos mendigos e dos leprosos das cidades malditas, Senhora dos Lutos e das Lagrimas, Rainha dos Suspiros, dos Soluços, das Sete Espadas, oferece, dedica e consagra o autor, em sua devoção, este pequeno obelisco negro, com sete degráos de marmore preto.

Lisboa, 7-1-910



— I —

A Senhora Silenciosa

Quem pode negar a dupla vista dos Tristes?... Quem póde fitar ou vêr aquillo que elles vêem, sondar o que elles sondam, nas concavidades da Sombra?

Não foi n'um medieval castelo de baláda,
nem foi na Terra Santa aonde váe o romeiro,
nem n'um bairro judeu historico e trigueiro,
que eu ví esse perfil de Hebreia celebráda.

Foi d'um abismo ao pé.—Muda, em pranto, caláda,
jorrou dentro em minha alma um balsamo fagueiro,
quando eu ia rolar no atróz despenhadeiro
dos infernos mundiaes, ante o altar do *deus Nada*

Sim! quando ia rolar nas trevas taciturnas,
quando eu sentia já esse báfo das furnas,
que nos gela a epiderme e inteiriça de horror...

quando nada no abismo a quéda me sustinha,
silencioso esse olhar floriu, Senhora Minha!
—qual negro vaso etrusco a raiz duma flor.





— II —

A Senhora da Melancolia

*E como ella me pareceu tenebrosa,
desgostosa, e silenciosa, chamei-lhe
a Senhora da Melancolia.*

Porquê tão triste assim?—Não sei. Estarrecido,
votei-lhe um culto ideal, amor mais que terreno.
Sua mágoa é um Sol que eu rasteiro e pequeno
adóro no meu pó como um *Parse* vencido.

Sua melancolía a minha alma há rendido!...
Seu grande ar tenebroso e o seu olhar de threno
teem magía maior do que as *nixes* do Rheno,
do que as *ságas* da Etruria, as *sibílas* de Gnido.

Ella habita um palacio, eu um misero albergue.
Mas já morou na treva, onde nunca o sol se ergue,
nas solidões de Job e a triste Agar errante.

E máu grado entre nós haver um cávo abismo,
sáe d'esse olhar lutuoso, um fluido, um magnetismo,
—que me rende, me atráe, subjuga a cada instante!





— III —

A Senhora das Lagrimas

Avatar! Avatar! Um dia, vos narrarei todos os meus avatares!

Cávo a propria memoria e entre largas palmeiras
surge Jerusalem, n'um passádo já morto.
Creio ter sido outr'ora um Romano e no Horto
n'um choroso sol posto, errar entre oliveiras.

Será um sonho vão? — Entre lanças guerreiras,
vejo-me centurião da Torre Antonia, e absorto
contemplando Sião, Josafat, o Mar Morto,
e a agua de Siloé regando as romanzeiras.

Creio avistar tambem, mal veláda n'um véo,
atráz d'um porta-cruz que insulta o povoléo,
a imagem que eu já vi, a mesma imagem rara.

— E' ella! E' ella! E' ella! E' seu rosto dorído!
— Contorce as reaes mãos de marmore polído!
— Cáe-lhe o pranto em silencio, em silencio, na cára.





— IV —

A Senhora dos Suspiros

Beati qui lugent!

Revejo-a outra vez ás luzes das estrelas,
n'um serro desoládo, o *atroz Campo do Oleiro,*
á lua que prateia o elmo das sentinelas,
e junto a uma alta cruz ao monte sobranceiro.

Já vi o mar em fúria e a terra n'um brazeiro,
já vi crucificar leões, reis, e donzelas,
mas nada egual ao horror das tres estatuas belas,
tres Estatuas da Noite, ao pé d'esse madeiro.

Uma era Salomé, outra Magdá, e ainda
a *Dôr que não tem nome*, a Hebreia grave e linda,
a rosa de Saron que gemeu nos retiros.

Essa é como a Raquel da Judéa chorosa.
Não quer consolações. Longe das mais, lutuósa,
—uiva a matilha atróz dos ais e dos suspiros!





— V —

A Senhora dos Soluços

Videte si est dolor, sicut dolor mea!

Tiberio discutia irritado escultura
certa noite em Capréa. — A lua era bonita.
Jogava com Sejano e eu. A certa altura,
derrúba a mesa ao chão de oiro e de malaquíta.

«Já viste alguma vez — grita-me elle — a Amargura,
quer seja em carne, em bronze, em marmore, uma cripta,
sofrer como em Nióbe, essa extranha figura,
cuja pedra dá ais, chóra, treme, palpita? . . »

«Já vi outrora, eu disse — ó Cesar! — na Judea,
a forma escultural d'uma mulher hebreia,
sobre a campa do filho arrastar-se de bruços.

—Nunca vi egual flor de cabelos castanhos!
—Nunca vi maior dôr em olhos mais extranhos!
—Nunca meu coração olvidou seus soluços!»





— VI —

A Senhora das Sete Espadas

Ananké! Ananké! Ananké!
Que sacrilegio! Que sacrilegio!

Outra noite, éra em Roma.—Eu estava n'uma orgía,
junto de Cesar Bórgia e uma real devassa.
O Cristo estava em frente, ao alto. Enchi a taça
de Rheno e arremessei-o ao Cristo que morría.

O ultraje era sangrento e macábra a ousadia!...
O vinho purpurou-lhe o corpo níveo. E a baça
fronte que alága o horror e o livor da desgraça,
dóbra .. dóbra-se ao chão... com mais melancolía.

Quando emfim me escapei da bacanal urrante,
corta-me o passo a Sombra. Em vóz febricitante,
bradei: Que me ólhas tu, com vistas irritadas?...

Nada me respondeu a Sombra amada e triste.
Mas minha alma gemeu: — *Foste tu que reabriste*
o sangue que hoje cáe d'aquelas sete espadas!





VII

Miserère mei!...

Les Mères! Les Mères!

FAUST

A's risádas entrei n'uma egreja ás matinas.
—Conservava-se ateu meu coração corrúto—
Eis vejo sobre o altar o extranho ser de luto,
rasgádo o coração por sete espadas finas.

Chorei. Prostrei-me em terra. — Essas formas divinas
não as púde fitar de rosto calmo e enxuto!
Era a mão maternal... era o braço impolúto...
que afastavam meus pés das ervas das ruinas!

Era o báfo de mãe, a indulgencia, o carinho,
era a áza que que afága o implume passarinho,
a mão que enxuga a testa ao menino, a dar ais...

O' Mãe triste! O' Mãe terna! O' Mãe dos olhos castos!
acólhe esta alma em pranto, hirta ao frio, de rastos,
– qual triste engeitadinha á porta de seus páes!



NOTA

ÁCERCA DOS

AVATARES DE UM ATEU

A *Senhora da Melancolía* tem um extranho sub-titulo assás profano: — *Avatares de um ateu*

Expliquemos este sub-titulo.

Avatar é um termo extraído das liturgías indianas, que significa *reincarnação*. Segundo estas ancestraes liturgías, a alma humana póde reincarnar na terra, ou n'outro qualquer planeta, tantas vezes quantas lhe sejam necessarias para o seu depuramento espiritual definitivo.

Vishnú é conhecido e venerado na India inteira como o deus dos *nove avatares*. O proprio Brahma, o chefe da trindade divina, a indiana *trimurti*, não foi isento d'esta lei universal mistica. Jeus Crichna, conhecido na Europa pelo *Cristo Negro* da India, mais o famoso e celebrado Budhá, reverenciado tambem sob o nome sagrado de *Çákia-Muni*, foram as derradeiras incarnações de Vishnú. O Egipto adoptou da India a teoria das reincarnações, as quaes n'elle foram denominadas *metempsicóses*.

Pitágoras, filósofo grego, natural de Samos, e que havia sido iniciádo nos misterios rituaes do Egipto, assegurava recordar-se, alem de outras extranhas existencias anteriores, haver sido um famoso combatente na guerra de Troia. O célebre conde de Saint Germain, que tanto brádo deu nas côrtes de Luiz XV e Luiz XVI, pelas suas riquesas babilónicas e teorias excepcionaes, gabava-se de ter sido um guerreiro do tempo das Cruzádas.

Simão o Mágo, Apollonio de Thyana, e o famoso Cagliostro professaram doutrinas identicas, e como estas anormaes.

Há quem assegure tambem que Jesús Cristo, o *Rabbí* de Nazareth, pretendera aludir a estas reincarnações sucessivas das almas, quando, sendo procurado misteriosamente de noite, por um seu sectario encoberto, homem abastado de bens e assás considerádo no sinhédrio de Jerusalem, chamado Nicodémus, lhe disse estas decerto significativas palavras: — *Na verdade, na verdade, te digo que não póde vêr o reino de Deus senão aquelle que renascer de novo.*

Se estas palavras parecerem, porém, ainda obscuras ou simplesmente parabólicas, mais transparentes e claras ainda são estas que disse aos discipulos falando de João Baptista, o *Precursor:—Se vós o quereis bem compreender, elle é aquelle Elias que ha de vir.* E mais tarde ainda estas não menos sugestivas: — *Elias decerto há de vir e restabelecerá todas as cousas. Digo-vos porém que Elias já veio, e elles não o conheceram, e fiseram d'elle tudo quanto quiseram.*

Foi só então a esta teoria das reincarnações, nitida e transparentemente enunciada por Jesús, que os Apóstolos conheceram que se tratava do Baptista, morto por haver combatido as impiedades d'aquelle voluptuoso, dissimulado, sardónico e incestuoso Herodes Antipas, tetrarca da Galiléa. Só então compreenderam que o Precursor fôra portanto uma reincarnação d'aquelle rigido, cavàdo, e austero profeta Elias, que outr'ora combatera intrépidamente de face as atrocidades do Rei Achab, e confundira com ásperas palavras e prodigios magnificos as imposturas dos sacerdotes de Baal, tal como mais tarde, no reinado de Antipas, confundiria as doutrinas dos Fariseus, dos Saduceus, e dos Mestres da Lei Mosaica.

Ora estas finaes palavras sobre as reincarnações proferira-as Jesús, na extraordinaria scena da Transfiguração, sobre a montanha do Thabor, n'aquella magestosa e poetica montanha da Siria, ao sudoeste do lago de Tabariéh.

Qual é o objectivo filosófico da *Senhora da Melancolia*, e do seu sub-titulo *Avatares de um ateu*, perguntar-nos-hão.

Como poesia, ella é um preito doloroso, angustioso, tenebroso: como filosofia, o propósito do autor, que melhor esclaréce ainda o sub-titulo, estrìba-se na mesmissima tése do Fausto, com uma ligeira variante.

A tése do Göethe era esta: — *que o verdadeiro homem de genio, mesmo afastado durante um largo periodo de tempo do ideal de Deus, regressa um certo dia sempre a elle, como fim inevitavel e único de toda a Siencia e toda a atividade humana.*

A variante do autor é esta:—Não é imprescindivel de forma alguma que seja um homem de genio aquelle que um bello dia encontre a sua estrada real de Damasco, como Saulo, e aonde ali a cegueira dos seus olhos se cure e dissipe emfim. Basta que elle seja um homem justo, recto, limpo de coração, e que haja sempre fortemente e sinceramente aspirádo ao ideal supremo da Verdade Absoluta. Esse regresso póde não ocorrer n'uma única existencia—que é um minuto apenas da eternidade—mas n'uma série estiráda d'ellas, até que se complete a espiritual perfeição.

Esse dia será na realidade o primeiro da felicidade do Homem, e o ultimo que marcará o óbito e o enterro de Satanaz. D'ahi os *Avatares de um ateu*, cuja teoria é mais consoladora, decerto, do que a dos ciclos tenebrosos dos infernos do Dante, dos quaes as portas encarnadas serão fechadas para todo o sempre um dia á chave, por desnecessarias e estereis, e por que ellas entenebrecem a doutrina tão limpida, tão calma, e tão plácida de Jesús.

Mas esta tése — dir-nos-hão — é como a vossa propria poesia, *uma extranha e excepcional Camelia Azul da Utopia!*

Que importa! .. Bemditas essas extranhas *Camelias Azues!* As Utopias não pertencem nunca ao estreito, efémero, e aburguesádo dia de *hoje*, mas sempre ao radioso, ao justificativo, ao triunfal e espiritual *amanhã*.

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL :: LIVRARIA MODERNA :: RUA AUGUSTA 95 :: TYPOGRAPHIA :: RUA IVENS 45 :: LISBOA :: 1910